

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE GRAMÁTICAS NORMATIVAS E USOS DA LÍNGUA

RAÍRA PEREIRA VELASQUES¹
SANDRA MARIA LEAL ALVES³

¹Universidade Federal de Pelotas – rairavelasques@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – leal0209@bol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Diante do nível de exigência cada vez maior no que se refere aos conhecimentos sobre língua materna em concursos seletivos e mesmo na atuação profissional, é extremamente importante que todos os indivíduos, os quais tenham a oportunidade de passar pela escola, possam sair desta efetivamente preparados para enfrentar tal desafio.

Baseado no argumento supracitado, é possível salientar alguns pontos, os quais motivaram esta pesquisa:

- a) Os últimos índices mostrados pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos - PISA - com relação à competência linguística revelam que os alunos brasileiros situam-se numa posição inferior a países como Panamá, Peru, Azerbaijão. Ou seja, encontramo-nos no desconfortável 54º lugar.
- b) As práticas pedagógicas utilizadas para o ensino de gramática em sala de aula, em todos os níveis de aprendizagem, têm se mostrado ineficazes ao não atingir seu objetivo central, qual seja o de preparar os estudantes para produzir e compreender discursos escritos, na língua padrão, isentos de erros relativos à estrutura sintática, à regência verbal e nominal, à concordância verbal e nominal, ao uso da crase, à pontuação e acentuação gráfica.

É certo que os testes do PISA têm seu foco em competências leitoras e interpretativas, mas também é de conhecimento de quem trabalha para o ensino que essas competências são um reflexo direto do conhecimento que o aluno tem (ou não tem) da estrutura e funcionamento da língua. De acordo com o INEP (2011), o objetivo principal do PISA é

Produzir indicadores que contribuam para a discussão da qualidade da educação ministrada nos países participantes, de modo a subsidiar políticas de melhoria da educação básica. A avaliação procura verificar até que ponto as escolas de cada país participante estão preparando seus jovens para exercerem o papel de cidadãos na sociedade contemporânea.

O Brasil tem participação nesse programa desde o início deste, em 1998. Sendo assim, no ano de 2000, o Brasil avaliou 4.893 alunos; em 2003, 4.452 alunos; em 2006, 9.295 alunos. Em 2009, o objetivo brasileiro do programa foi produzir médias estatisticamente mais confiáveis e, em consequência disso, abrangeu um número maior de escola e contou com um total de 20.127 alunos. Já em 2012, a amostra brasileira assemelhou-se à amostra de 2009. Porém, para o ano de 2015

espera-se a ampliação destes números, visando avaliar aproximadamente 32 mil alunos em 964 escolas. Nesse ínterim, pode-se perceber o comprometimento deste programa, o qual tem por objetivo principal melhorar a qualidade da educação dos países. Sendo assim,

O Pisa pressupõe um modelo dinâmico de aprendizagem. Considera que novos conhecimentos e habilidades devem ser continuamente adquiridos para uma adaptação bem-sucedida em um mundo em constante transformação e que os alunos devem ser capazes de organizar e gerir o próprio aprendizado. Na avaliação desses aspectos, o Pisa focaliza os conhecimentos e habilidades dos alunos e também seus hábitos de estudo, sua motivação e suas preferências por diferentes tipos de situação de aprendizado, por meio de testes cognitivos e de questionário que levanta informações de natureza sóciodemográfica e cultural.

Dessa forma, justifica-se um projeto de pesquisa envolvendo alunos universitários - futuros professores de língua materna - numa discussão analítica sobre as diferentes propostas de ensino de gramática.

2. METODOLOGIA

Para que este trabalho pudesse ser realizado, foi pedido aos alunos do primeiro semestre do curso de Licenciatura em Letras-Português, do Centro de Letras e Comunicação - UFPEL-, que produzissem um parágrafo de dez linhas, a fim de responder a pergunta, “O que é ser professor?”. Estes cursavam a disciplina de Produção Textual I no ano de 2014/1. Após a produção destes parágrafos, a professora, a partir de um termo de consentimento livre e esclarecido dos alunos, utilizou esses textos como corpus desta pesquisa. A análise de aproximadamente quarenta textos, feita pela orientadora deste projeto e por um grupo de alunos do Curso de Letras, de diferentes semestres da graduação, mostrou alguns resultados significativos para os objetivos deste estudo.

Durante os encontros do grupo de pesquisa, os textos foram analisados relativamente à estrutura sintática, aos aspectos morfológicos e semânticos e ao uso do léxico da Língua Portuguesa, buscando avaliar que recursos linguísticos eram utilizados pelos informantes e, com base nos dados coletados, estabelecer se os recursos linguísticos empregados estão ancorados nas Gramáticas Normativas ou nas Gramáticas de Usos da Língua.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Baseado nas análises feitas até o momento, é possível chegar a alguns resultados:

- a) Os problemas encontrados nos textos relacionam-se mais aos aspectos lógico-semânticos do que linguístico.
- b) Os recursos linguísticos utilizados pelos alunos não permitiram concluir sobre o tipo de gramática norteadora em razão do caráter primário das dificuldades de expressão apresentadas.
- c) O que se percebeu foram problemas relacionados ao desconhecimento de qualquer norma gramatical – seja normativa seja de usos – o que resultou em textos cujo raciocínio lógico, na maioria das vezes, não encaminha a nenhuma conclusão sobre o tema.

- d) Percebeu-se ainda a presença de oralidade, falácia e inserção de passagens tangenciais e irrelevantes para a resposta à pergunta proposta.

4. CONCLUSÕES

As conclusões, embora ainda parciais, sugerem, por um lado, que a discussão acerca do trabalho com a Gramática de Usos no cotidiano dos discentes do Curso de Licenciatura em Letras ainda não é uma realidade, mesmo havendo ampla e moderna literatura sobre o assunto. Por outro lado, foi claramente perceptível através dos dados coletados que os discentes chegam ao terceiro grau com um conhecimento bastante limitado da Gramática Normativa, especialmente no que se refere à coesão e à coerência, à pontuação e ao uso do vocabulário.

Entretanto, as relações lógico-semânticas, aspecto que não havia sido previsto nas hipóteses de pesquisa, surpreendeu negativamente os pesquisadores. Os textos elaborados como resposta à pergunta motivadora, na maioria dos casos, apresentavam raciocínios descontínuos, eivados de falácia, ideias tangenciais, vocábulos inadequados e contradições. Ou seja, não respondiam de forma direta, sucinta e objetiva a uma única e simples pergunta.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEREDO, J. C. **Fundamentos de gramática do português**. 4^a Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 37^a Ed. São Paulo: Editora Nacional, 1994.
- CUNHA, C. CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2^a Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FREIRE, N. A. **1200 verbos portugueses e brasileiros**. Curitiba: Hatier Coleção Bescherelle, 1993.
- GALVES, C. **Ensaios sobre as gramáticas do português**. Campinas-SP:Unicamp, 2001.
- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **PISA 2000: Relatório Nacional. Apresentação**. Brasília, 2001. Acessado em 25 jul.2015 Online. Disponível em:
<http://download.inep.gov.br/download/internacional/pisa/PISA2000.pdf>
- MACAMBIRA, J. R. **A estrutura morfossintática do português**. São Paulo: Pioneira, 2001.

- MIOTO, C. et al. **Novo manual de sintaxe.** 2^a Ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- NEVES, M. H. M. **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SAVIOLI, F. P. (1992). **Gramática em 44 lições.** 22^a Ed. São Paulo: Ática, 1992.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** 4^a Ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- VIEIRA, S. R., BRANDÃO, S. F. (Orgs). **Ensino de gramática: descrição e uso.** São Paulo: Contexto, 2009.